

RETRATOS (MAL)DITOS E A (DES)EDUCAÇÃO DE SUBJETIVIDADES NEGRAS NA ESCOLA¹

Autor: Samara Almeida Lima Santos (UFRB/ BA)

Coautor: Osmundo Santos de Araújo Pinho (UFRB/BA)

Palavras-chave: Imagens, Antinegitude, (Des)educação.

Resumo: As subjetividades negras parecem aprisionadas em retratos (mal)ditos forjados sob a perspectiva antinegra. Reduzindo-as a gênese da escravização e violência, que por sua vez, criam um arquivo imagético, desdobrado como uma narrativa que cristaliza as sujeitas/os negros no pós-vida da escravidão. Em busca de uma origem longe do cativo, Cachoeira, cidade do Recôncavo Baiano, aparece como uma referência epistemológica negra. No entanto, a própria “Cachoeira negra”, parece não fugir do contexto antinegro, atada a “um passado que não passa”. Partindo dessas hipóteses, este trabalho, através da pesquisa-ação, realizou oito oficinas de rima, de análise de imagens e iconografias, de colagens de imagens e de produção audiovisual, no Colégio Estadual da Cachoeira, com duas turmas do turno noturno do Ensino Médio Regular e da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Neste, buscou-se compreender etnograficamente – e através da formação e revisão crítica de arquivos visuais - de que modo os estudantes participantes do projeto representam para si de modos críticos e vernáculos os estigmas e estereótipos forjados sobre as subjetividades negras. Bem como, sobre a “cachoeira negra” e como foram (des)educados a admirar o que é branco e a rejeitar o que é negro. O projeto tem como resultado a ampliação do repertório discursivo e visual dos estudantes negros ao (re)criar arquivos imagéticos, narrativas e imagens sobre si e sua cidade.

1. Introdução

Os retratos malditos, fruto do esvaziamento ontológico² proposto pela antinegitude³, reduzem as subjetividades negras a gênese da violência, escravização e criminalidade. Estes mesmos se desdobram em uma série de estereótipos acrílicos que são reproduzidos no pensamento socio racial brasileiro. Pintados inicialmente sob o olhar dos viajantes, são fundamentados por teóricos racialistas que usam de pseudociências para justificar como necessária a antinegitude. Neste contexto Cachoeira, conhecida como a “Terra mãe da liberdade” e “berço da “Cultura negra” aparece para essas subjetividades como referência epistemológica, no entanto, a própria cidade parece não fugir da antinegitude, associada ao período colonial, está “presa a um passado que não passa”.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia realizada (2024).

²Ver “Ontologia(s): Perspectivismo e Afropessimismo” de Osmundo Pinho (2021). DOI: 10.48006/23580097-7218.

³Ler “Antinegitude: o impossível sujeito negro na formação social brasileira” dos autores Osmundo Pinho e João Vargas (2016).

Através da análise etnográfica das produções materiais, simbólicas e reflexivas confeccionadas, através da pesquisa-ação, por estudantes cachoeiranos, este trabalho busca abrir caminhos para (re)pensar esses arquivos imagéticos forjados sobre as subjetividades negras. Este trata-se, portanto, de um desdobramento de uma etnografia visual na educação feita como Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Realizadas oito oficinas, de rima (escritas de si) de análise de imagens (como pintaram o negro?), colagens de imagens ([re]criando Cachoeira) e de audiovisual (Jogo de Identidades e Sonhos) em duas em duas turmas do turno noturno, uma do Ensino médio Regular e a outra da EJA (Educação para jovens e Adultos). Com estudantes majoritariamente negros, de perfil trabalhador, com idades entre 18 e 60 anos, originários da cidade de Cachoeira, são, em sua maioria, moradores zona rural, mas que estudam em um Colégio na zona urbana.

O título Retratos (Mal)ditos e a (Des)educação de subjetividades negras na escola nasce de uma crítica e um cri(ativo) jogo de palavras que coloca em destaque o combate de narrativas entre imagens forjadas sob um projeto político de formação de corpos dóceis e despersonalizados e a (re)criação dessas imagens, estrategicamente produzidas como insubordinação e desobediência epistêmica⁴.

Retratos (Mal)ditos por que segundo Ana Maria Belluzzo (1996), o Brasil e suas brasilidades representados em iconografias e litografias típicas de seus habitantes foram simplificados e generalizados sob o olhar dos viajantes. A partir de lentes europeias, a exemplo de Debret (1768 – 1848) e Rugendas (1802-1858), ao utilizarem uma estética pitoresca (aquilo que é digno de ser pintado por ser exótico e extraordinário). As projeções imagéticas de vida e comportamentos dos povos indígenas e africanos em suas obras artísticas e científicas criam o “Novo Mundo”. Isto é, criam a ficção Brasil. Bem como, criam imagens estereotipadas de quem são e onde estão as pessoas negras e indígenas no território.

Além disso, os Retratos (Mal)ditos tem origem, também, nos racialistas do século XIX, que construíram os “retratos falados” ou chamados atualmente de “baralhos do crime”, que geralmente representam corpos negros como criminosos. “Mal(ditos)”,

⁴Ver MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

porque compreendemos a influência de teorias como a de Nina Rodrigues, “o mal” corresponde a má influência dos negros brasileiros. Representam, segundo ele, em “Os Africanos no Brasil” (1890-1905) “um dos fatores da nossa inferioridade como povo” (RODRIGUES, ca. 1905, p.15). Assim como diz que a “Raça Negra é nociva à nossa nacionalidade” (RODRIGUES, ca. 1905, p.15). Este pensamento de Nina Rodrigues, revela-se como a gênese do que os autores João Vargas e Osmundo Pinho (2016) chamam de Antinegritude, que é justamente a “impossibilidade do sujeito negro na formação social brasileira”.

Ainda, de acordo com o autor, em “As Raças Humanas E A Responsabilidade Penal No Brasil”, o mestiço, isto é, o negro brasileiro é considerado o “degenerado”. Em suas palavras “a criminalidade do mestiço brasileiro é como todas as outras manifestações congêneres, sejam biológicas ou sociológicas, de fundo degenerado e ligada às más condições antropológicas do mestiçamento no Brasil” (RODRIGUES, 2011, p. 71). Demonstrando aquilo que Fanon (2008) chama de maniqueísmo, que é justamente esse antagonismo do bem e do mal. O mal, neste caso, reservado aos negros brasileiros, retratados de forma maldita. E aprisionados numa ideia biologicista de linhagem criminosa e violenta.

A (Des)ducação de subjetividades negras porque segundo Carter Woodson (1933), em “*The Mis-Education of the Negro*”, traduzido em “A Deseducação Do Negro” (Woodson, 2021) “Os Negros educados têm a atitude de desprezo em relação ao próprio povo”. Isto porque, segundo o autor, quando negros são educados nas “escolas formais”, são ensinados que seu próprio “rosto negro é uma maldição”. Ainda segundo ele, “ao concluir a educação em nossas escolas, o Negro está, apto a começar a vida de um homem branco americanizado ou europeizado” (Woodson, 2021, p. 15).

Decerto, que Woodson trata de uma Escola norte americana do século XX. Mas, refletindo o Brasil, de acordo com a Sueli Carneiro (2005), o cotidiano escolar brasileiro é marcado por diversos fenômenos de rebaixamento da autoestima de estudantes negros. Segundo ela “por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora”. Bem como, “pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar” (Carneiro, 2005, p. 97 *apud* Pontes; Katiuscia, 2017). É o que a autora vai chamar de Epistemicídio, e as vítimas desse crime, são os estudantes negros (des)educados.

Esse mosaico imagético que o título do trabalho provoca, coloca em relevo o objetivo em discutir a construção de imagens das subjetividades negras que parecem estar

aprisionadas na escravização e violência. Este, seria, segundo Pinho (2021) e de acordo com Maldonado (2008, p.8), um *ethos* civilizacional que “tem na violência, na brutalidade e no terror modos de governança e de subjetivação”. Assim, na produção e expressão dos estudantes negros é possível encontrar contradições do mundo antinegro e rastros analíticos para tentar compreender, etnograficamente, de que modo os estudantes participantes do projeto representam para si de modos críticos e vernáculos os estigmas e estereótipos que produzem subjetividades “desenraizadas”.

Importante pontuar que este trabalho não pretende responder o conjunto de questões que aparecerão em relação as Hierarquizações raciais, mas sim colocá-las em debate e ampliá-las a partir das oficinas junto a estudantes negros cachoeiranos. Justo que, Cachoeira, “Terra Mãe da Liberdade” e “berço da Cultura Negra”, aparece como referência epistemológica. Mas que, entretanto, os próprios estudantes colocarão uma série de inquietações que nos fazem repensar a “Cachoeira Negra” e “Cultura Negra”. Afinal, até mesmo no “paraíso racial” há “pecados raciais”.

2. Sob o olhar dos Viajantes

A imagem, como “depósito de historicidade”, segundo Danrlei Moreira, em sua apresentação de trabalho para o fórum de igualdade racial em novembro de 2022 na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), é, antes de qualquer coisa, um agente político. Isto é, alguém que narra um imaginário sócio-histórico e gera memórias. As imagens nos afetam de diversas maneiras, elas nos informam e formam, causam experiência, fazem sentir-pensar.

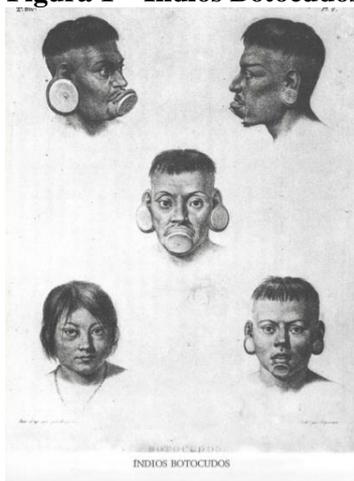
Na época de invasão de Pindorama, que mais tarde se chamará Brasil, os europeus registravam partir das suas imaginações, curiosidades do desconhecido e paisagens características do Novo Mundo. Através de expedições científicas, usaram da arte para registrar as chamadas “descobertas”. Dessa forma, além de narrar, por meio de cartas e crônicas, as informações do mundo exótico, apresentaram uma série de iconográficas típicas.

Em “A Propósito d’o Brasil dos viajantes”, Ana Maria Belluzo (1996) nos propõe um reexame da construção de imagens do Brasil produzidas por viajantes que passaram pelo país. No entanto, essas produções de imagens partiam do referencial eurocêntrico. Na exposição “o Brasil dos viajantes” no Museu de Arte de São Paulo, a autora afirma que as “obras só podem dar a ver um Brasil, pensado por outros”. O olhar do viajante, então, simplificou e generalizou em representações visuais, imitações do Outro. No caso

do Brasil, as projeções imagéticas de vida e comportamentos dos povos indígenas e africanos, tipificando essas subjetividades aprisionando-as a representações estereotipadas.

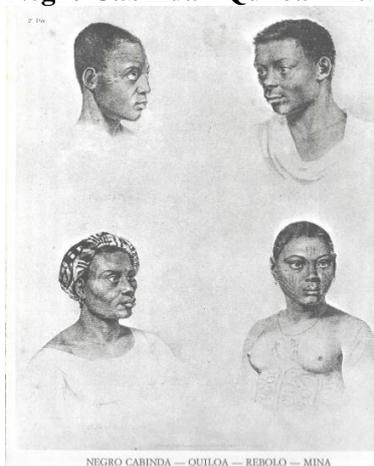
Em “Viagem pitoresca através do Brasil”, por exemplo, Johann Moritz Rugendas descreve as pessoas apenas como “Negro Mina”, “Índio Botocudo”, como se estas não tivessem nomes, não fossem subjetividades, mas sim tipos. Reduzindo-as a categorias criadas pelos próprios viajantes. Como pode ser visualizado abaixo nas figuras 1 e 2:

Figura 1 – Índios Botocudos



Fonte: Viagem pitoresca através do Brasil, Johann Moritz Rugendas (1835).

Figura 2 – Negro Cabinda - Quiloa - Rebolo – Mina



Fonte: Viagem pitoresca através do Brasil, Johann Moritz Rugendas (1835).

Em busca de compreender como as pessoas negras visualizam essas iconografias, bem como criam imagens de si, ao passo que afirmam ou negam estereótipos, realizei junto aos estudantes, análises de algumas iconografias e colagens de imagens para (re)criar outras narrativas. Para isso, utilizei como referência artístico-visual, as obras de artistas como a Gê Viana, o Uendel Nunes, a Harmonia Rosales e Mariana Sguilla.

Seguindo o fluxo crítico e criativo de Gê Viana, na oficina de análise de imagens eu e os estudantes pudemos juntos criticar as imagens produzidas por Jean-Baptiste Debret e Rugendas. A exemplo disso, temos a obra “Um Jantar Brasileiro”. O pintor retratou o Brasil e o cotidiano de uma sociedade colonial construída sobre a escravidão. Esta imagem pode ser visualizada abaixo na figura 3.

Figura 3 – Um jantar brasileiro, Jean-Baptiste Debret, aquarela sobre papel, 16 x 22 cm, Rio de Janeiro, 1827



Fonte: Debret ([1827] *apud* Wilfredor, 2016)⁵.

Ao compreender que as imagens são polissêmicas, para conduzir o debate, sugeri as seguintes questões: Onde, como e quando as pessoas negras apareciam na imagem, que sentimento os estudantes sentiam, o que pensavam à primeira vista e que título eles dariam as obras. Bem como, quais as diferenças e semelhanças entre a imagem e sua releitura.

Os estudantes responderam que visualizavam “crianças filhas dos negros comendo com patrões” e perceberam que o autor “queria mostrar imagem de como vivia sendo que não era aquilo”. Em relação ao título, eles responderam: “Um jantar com a escravidão”. Confesso que o título escolhido me surpreendeu como adequou-se justamente ao que descrevia intrinsecamente, um jantar, além de ser com seus patrões, com a escravidão. A imagem pode ter diversos sentidos para quem ver, de acordo com o próprio Debret:

É costume, durante o tête-à-tête (conversa a parte entre duas pessoas) de um jantar conjugal, que o marido se ocupe silenciosamente com seus negócios e a mulher se distraia com os negrinhos que substituem os doguezinhos (cachorros), hoje quase completamente desaparecidos na Europa (Debret, 1839)

É provável que essa cena típica, pode ter sido naturalizada, por um longo período, como costume de época e da parcela rica da sociedade brasileira que vivia na Corte no

⁵Disponível

em:

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:A_Brazilian_family_in_Rio_de_Janeiro_by_Jean-Baptiste_Debret_1839.jpg . Acesso em 09 de julho de 2024.

início do século XIX. Mas retrata, antes de qualquer coisa, de forma severa, o antagonismo entre senhor e escravo, o humano e o não-humano. Uma vez que, as crianças negras são representantes dos animais domésticos. Talvez para uns, essa imagem não rememore um passado de dor e desumanização, passando por despercebido ao focalizar o olhar aos novos costumes importados com a vinda da família real. Mas para subjetividades negras, essa imagem gera memórias, representa um passado de violência e despersonalização.

Seguindo a releitura, intitulada por Gê Viana (2021) “Sentem para jantar”, temos um novo formato de família e de posição social dos negros, não mais escravos. Afetados, compreendo que o sentimento dos estudantes se vincula ao sentimento das pessoas negras descritas nas imagens e não das pessoas brancas, há um reconhecimento entre quem observa a imagem e quem está sendo observado. Nesta releitura os estudantes a batizaram como um jantar com a “liberdade”. Como pode ver abaixo na figura 4:

Figura 4 – Sentem para jantar, Gê Viana, 2021. Da série ‘Atualizações Traumáticas de Debret Colagem digital 42 × 59,4 cm



Fonte: Gê Viana (entre 2021 e 2024))⁶

Segundo os estudantes (2023, análise de imagens), eram os “negros tendo seu momento”, “uma celebração”. Representava as “pessoas negras que subiram na vida”, “como se o negro vivesse na fartura”. Para eles, “se o negro fosse aceito viveríamos em fartura por conta dos saberes” que são diversos. Falaram ainda que em “uma os negros servem, a outra comem e se servem”. E, se antes havia “criança comendo os restos, agora o animal não é a criança, é um cachorro”.

A releitura faz parte da série “Atualização traumática de Debret” de Gê Viana (2021). A artista desestrutura os estereótipos étnico-raciais que são traumáticos, sobretudo, para pessoas negras, e compõe na imagem, não só com uma nova posição

⁶Disponível em: <https://galeriasuperficie.com.br/artistas/ge-viana/>. Acesso em: 24 maio 2024.

social dos negros, mas sua humanização, gerando memórias possíveis, sem dor. Dessa forma, a artista pratica aquilo que a historiadora Saidiya Hartman propõe em “explorar as capacidades do subjuntivo” (Hartman, 2008, p. 11).

Se o arquivo que restou dos navios negreiros apenas reinscrevia uma violência contra corpos negros tornados anônimos, Hartman procura exercer a imaginação, pensar outras possibilidades do que “poderia ter acontecido” ou poderia ter sido ou poderia ter sido feito (Hartman, 2008, p. 11 *apud* Pereira, 2021, p. 500).

Isto é, imaginar e re(criar) o arquivo ao que poderia ser ou ter sido. E, além disso, integra representações genuínas da vida brasileira. Sobretudo de famílias negras, com elementos de sincretismo religioso, com o São Jorge, o Jesus na cruz e um banho “Cura tudo” em cima da cristaleira. Inclui, também, a samambaia, o cachorro, a jarra em formato de abacaxi muito característica, uma janela, o celular na mão da criança, representando os dias atuais e o quadro com o retrato de uma mulher negra como referência.

Assim, Gê Viana (2021), contraria as iconografias e litografias forjadas sob o olhar dos Viajantes. A artista articula a desobediência epistêmica, com sua criativa criação e re(cria) um imaginário insubmisso. O jantar passar a ser um aquilombar, o que dialoga com o que os estudantes chamaram ser “negros tendo seu momento”.

3. Retratos (Mal)ditos sob a ótica dos Teóricos Racialistas

Segundo Wilderson (2010, p.38), “A violência que torna um corpo carne, literalmente rasgado, destrói a possibilidade de ontologia”. Mais ainda, “conclui Fanon, o negro não tem resistência ontológica aos olhos do branco” (Pinho, 2021, p. 15). Aliado às imagens pitorescas pintadas sob o olhar dos viajantes e não muito diferente, temos, também, as produções pseudocientíficas dos teóricos racialistas que fixaram ainda mais no imaginário sócio racial brasileiros os antagonismos entre senhor e escravo, humano e não humano, bom e maldito. Criaram, desse modo, retratos de negros como criminosos e nocivos para o progresso e desenvolvimento do Brasil.

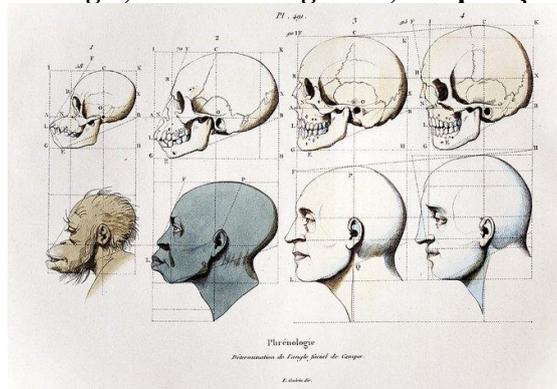
Raimundo Nina Rodrigues, aclamado ainda hoje como um herói da Bahia. Considerado como o introdutor da medicina legal no Brasil, é, também, precursor dos estudos sobre raça no país. Segundo Pinho (2020, p.1) “é considerado também pai fundador da antropologia brasileira, e mais especificamente dos estudos etnológicos sobre o negro no Brasil”. Este autor usou de pseudociências, como a craniologia para determinar “com precisão” estereótipos de cada tipo de povo. Usando medições físicas ele determinava a moral e inteligência dos povos.

Além dele, Sílvio Romero, em “Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil”, escreve o seguinte pensamento: “[...] nós que temos o material em casa [...] a África em nossas cozinhas [...] a América em nossas selvas [...] a Europa em nossos salões [...]. O negro não é só uma máquina econômica. Ele é [...] um objeto de ciência” (Romero, 1888, p. 10-11). Reflete exatamente as ideias que circulavam no mundo científico da época e que se popularizou no pensamento social. Despessoalizados, negros eram entendidos e retratados como objetos científicos e econômicos, e indígenas como animais selvagens.

Assim, se em um primeiro momento as subjetividades negras são retratadas como exóticas, condicionadas a gênese escrava e objeto econômico, em outro momento, percebemos as subjetividades negras (mal)vistas como objetivos científicos. Reduzidas a carne que deverá ser exposta a estudo e mais tarde a objeto zoológico e museológico, colocado em exposição. Com Nina Rodrigues e seus seguidores, essa mesma carne se transforma de escravo á criminoso.

No mundo científico do século XVIII e XIX existiam duas correntes de pensamento teórico racial, os monogenistas e poligenistas. Enquanto para o primeiro, existia uma origem comum, a unidade do homem, isto é, uma única espécie de raças diferentes. Para a visão poligenista, havia uma diferenciação humana, ou seja, espécies diferentes. Essa corrente poligenista influenciou a teoria de degenerescência racial de Raimundo Nina Rodrigues. Ao importar as teorias raciais de seus referenciais como Arthur Gobineau, Paul Broca e o principal, Cesare Lombroso. Reinterpretou a antropologia física, com antropometria e craniologia a antropologia criminal, sendo um dos primeiros no Brasil, a justificar como necessária a antinegritude. Na figura 5 abaixo podemos visualizar uma ilustração do que seria a craniologia:

Figura 5 – Craniologia, corrente Poligenista, comparação com primatas



Fonte: Santos (2019)⁷.

⁷Disponível em: <https://x.com/Savagefiction/status/1121391732569124865?s=20> . Acesso em: 24 maio 2024.

O encadeamento de descrições fenotípicas, através da descrição do tamanho do nariz, do rosto ou da boca, do tom da pele, do tipo de cabelo, ou do uso ou não de tatuagens, são medições físicas que ainda são usadas para tipificar pessoas. A partir daí podemos nos aproximar de um entendimento sobre o pensamento antinegro que atravessa gerações e instituições.

Os retratos de antes, hoje são retratos falados em forma de “baralhos do crime” que explicitam quem é o criminoso. Se Nina Rodrigues criava o criminoso a partir da medição do crânio e suas características físicas, definindo a moral e inteligência, sobretudo de subjetividades negras. Hoje, por exemplo, a Secretária de Segurança Pública do estado da Bahia, produz os “baralhos do crime”. E, um dado interessante é que, em sua maioria, os corpos que fazem parte dessas cartas, são pretos e pardos.

Segundo Natassia Thamizy Araújo Lima Mendonça (2019), no Jusbrasil, o Baralho do Crime desde 2008, representa uma ferramenta do Estado que auxilia no combate à criminalidade. Consiste em tipificações penais que foram supostamente praticadas e são designadas a quem cada carta diz respeito. No entanto, a autora denuncia, que não se tem, de fato, uma condenação desses sujeitos, o que seria uma violação de *in dubio pro reo*, e a rotulagem anula qualquer possibilidade de falar em inocência. E os efeitos disso, são drásticos, sobretudo para pessoas negras, refletindo na “*Labeling Approach*”, a Teoria do Etiquetamento Social⁸. Teoria esta diferencia um traficante de maconha e um jovem branco de classe média detido com maconha, por exemplo. A marca do crime e criminoso passam a ser sinônimo de pessoas que tem o fenótipo negro.

Portanto, se antes esse etiquetamento aprisionava subjetividades negras a condição de escravizadas, mais tarde, são aprisionadas a condição de criminosas.

A passagem, portanto, da desonra associada ao corpo escravizado para o desprezo pelo corpo negro se deu quase que de forma harmoniosa [...] o corpo escravizado desaparece, mas o corpo negro permanece, transmutando-se em sinônimo de gente pobre, sinônimo de criminalidade e um ponto de inflamação nas políticas públicas (Morrison, 2020 *apud* Castro, 2022, p. 5).

Nessa fabricação de corpos negros estereotipados como criminosos, pobres e descendentes de escravos, as oficinas foram pensadas para contrastar essas teorias, para que os estudantes tivessem acesso, se não aos livros, as imagens que são influenciadas pelo mesmo pensamento. Como experiência, utilizei junto aos estudantes a figura 6 que

⁸Ver “Teoria do Etiquetamento Social” de Cléber Masson e Luiz Flávio Gomes ([196-] *apud* Kluska, 2016). Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/teoria-do-etiquetamento-social/322548543>. Acesso em: 24 maio 2024.

pode ser visualizada abaixo. Quando perguntei a primeira coisa que eles pensavam e o que sentiam ao ver a imagem, de forma crítica, os estudantes racializaram o debate. Segundo suas próprias palavras:

Essa imagem reflete que por eles serem negros. Aparentemente parece que mora em favela. A sociedade associa que são bandidos. Essa imagem mostra que ao invés de estar com arma na mão, estão com instrumentos musicais (Estudantes, oficina de leitura de imagens, 2023).

Figura 3 – “Alguns lutam com outras armas, 2016 - Morro do Borel, RJ”



Fonte: Valentim (2021)⁹.

Um estudante, ainda, afirmou que “mesmo sendo instrumento de música eles morre”, refletindo as ações tomadas por alguns agentes da segurança pública, pois ainda que sejam inocentes qualquer objeto que estejam em suas mãos são vistas como armas, afinal são corpos negros, condicionados aos retratos (mal)ditos de criminosos. Quando não retratados em “baralhos do crime”, são mortos fisicamente. Para mais, uma estudante ainda propôs uma autocritica, no sentido que, segundo ela, “nós mesmo temos o olhar discriminado”. Construídos socialmente por bases antinegra, somos criados para nos odiar e nos autodiscriminar.

4. O mestiço, produto terceiro

No século XIX, os teóricos racialistas estavam divididos entre os que pensavam positivamente no processo de mestiçagem, como uma possibilidade de progresso por conta do embranquecimento e assimilação da população. E, os que pensavam negativamente, estes, enxergavam como um processo decadente, com tendência degenerativa que geravam seres híbridos e sem valor social ou moral. Segundo as palavras de Nina Rodrigues, o negro, sobretudo mestiço, era um problema, representava “uma

⁹Disponível em: <https://www.tntarte.com.br/leiloes/66/lote/76>. Acesso em: 24 maio 2024.

população de aparências juvenis e vigorosas, possíveis germes de precoce decadência que mereciam [...] reparação e profilaxia” (Rodrigues, 2010, p. 9).

De forma, diferente, para Silvio Romero, “todo o processo de formação de individualidade nacional [...] deveria prosseguir no intuito de criar um novo povo reforçado pela mestiçagem” (Machado; Lyra, 2018, p. 5). Ou seja, para o crítico literário, a formação da identidade nacional criaria um povo, fruto da mestiçagem. Entretanto, ainda que pense de forma otimista, ele acreditava numa assimilação ou integração total desse mestiço a cultura branca, pois ela prevaleceria por sua “superioridade”.

Assim, no século XX, especificamente, a partir da década de 1930, o mestiço passa a representar a própria identidade nacional brasileira. Com a metamorfose que acontece da escravização à incorporação da modernização no Brasil, ideais positivistas como igualdade, progresso e desenvolvimento são largamente introjetados. Neste processo parece necessário que se reduza a diversidade em um produto homogêneo que represente o povo brasileiro, neste caso o mestiço. Afinal, a diversidade de povos indígenas e africanos antes retratados e tipificados em iconografias pitorescas, representam, segundo Caio Prado (1942, p.83), “problemas étnicos muito complexos”.

E, especificamente os africanos “apresentam entre si tamanha diversidade que exigem discriminação” (Prado Junior, 1942, p.83). Este autor, também, parece buscar justificativas à escravização e antinegitude como necessária para que homogenize e simplifique a diversidade de povos africanos. Partindo desse pressuposto, questiono, é a partir da antinegitude, portanto, que nasce o negro? Ora, se o africano nasce livre e com tamanha diversidade étnica, com a escravização nasce o negro, homogêneo, na condição de escravo, aprisionado ao cativoiro¹⁰ e ontologicamente esvaziado.

Portanto o mestiço representará, também, a busca pelo uso da máscara branca, afinal “O negro quer ser branco, quer ascender à condição do ser. Para tanto, o não-ser buscará usar máscaras brancas como condição para se elevar a condição de ser” (Fanon, 2008, p. 27 *apud* Costa, 2016, p. 507). Um exemplo está na obra modernista de Mário de Andrade (1928), o personagem mítico "Macunaíma: o herói sem nenhum caráter". Composto por múltiplas estereotipações, é um mestiço nato, inconsequente, que não tem característica própria e não tem identidade.

¹⁰Ler “Cativeiro: Antinegitude e Ancestralidade” de Osmundo Pinho (2021).

Ao se lavar no “poço da modernização”, se torna branco e vira príncipe. Representando, portanto, a passagem/lavagem do mestiço, antes atrelado as más características endereçadas as origens africana e indígena. Retratando o ideal brasileiro em branquear-se, pois vê a presença africana como sujeira, sendo necessário “o reparo”. Este, portanto, seria o caminho que o mestiço deveria seguir rumo a modernização, para que ele seja constituído de identidade e caráter.

Essa passagem pode ser vista na figura 7 abaixo:

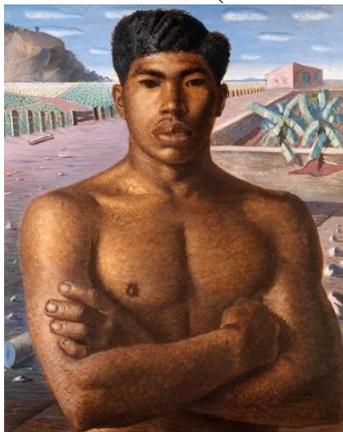
Figura 7: Em "Macunaíma", à esquerda, Grande Otelo como Macunaíma negro; à direita, Macunaíma "renascido" como homem branco, interpretado pelo ator Paulo José



Fonte: Cocada Preta, o Brasil que o Brasil não conhece¹¹

O mestiço deixa, portanto, de ser retratado negativamente e passa a ser visto positivamente no imaginário socio racial brasileiro. Interessante que, quando apresento aos estudantes lado a lado a obra “Mestiço”, de Cândido Portinari e “O Cria”, de Uendel Nunes, no mesmo momento pergunto qual das duas imagens eles mais se identificam. E, para minha surpresa, não foi “O Cria”, mas sim “O mestiço”. As obras, tanto a clássica quanto a releitura podem ser vistas nas figuras 8 e 9 abaixo:

Figura 8 – Mestiço, 1934 – Candido Portinari (Governo do Estado de São Paulo, 1935)

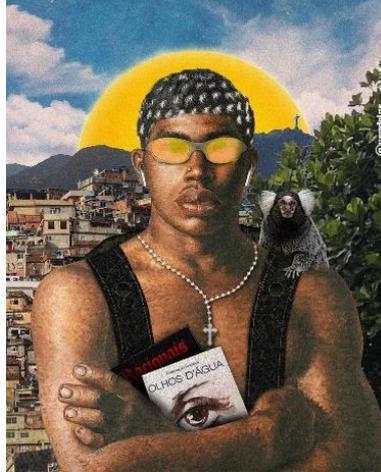


Fonte: Pina (2019)¹².

¹¹ Disponível em: <https://cocada-preta.blogspot.com/2011/09/macunaima.html> . Acesso em 06 de julho de 2024

¹² Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-mesticagem-a-partir-de-portinari/>. Acesso em: 24 maio 2024.

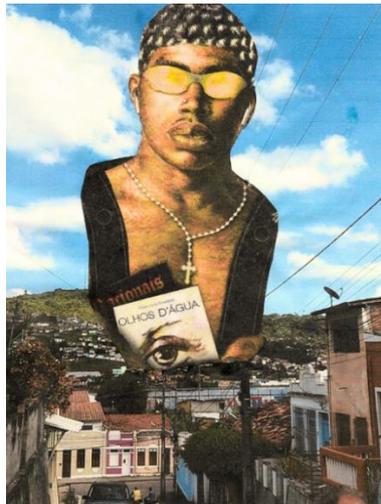
Figura 9 – O Cria. Uendel Nunes, 2022



Fonte: Nunes (2022)¹³.

Em o Cria, os estudantes falaram que a imagem retratava o “RJ, Jacarezinho”, e demonstrava que “favelado também estuda”. Além disso, se “antes era careta, agora é muito louco”. Mas uma ideia permaneceu e se ampliou, para eles o Mestiço representava um líder, e o Cria, segundo eles tem uma ideia de que ele estava “querendo a liberdade da favela”. Percebi, também, que ao mesmo tempo em que os estudantes afirmam o estereótipo do Brasil mestiço. Quando (re)criam imagens de si, através da oficina de colagens, eles fazem uma releitura do Cria, neste caso, em sua cidade, e retratando, segundo o título, o favelado. A colagem pode ser visualizada abaixo na figura 10.

Figura 10 – Favelado. Grazielli Raíssa (2023)



Fonte: Oficina de colagens

¹³Disponível em: https://www.instagram.com/p/CgCSOKegX4J/?img_index=1. Acesso em: 24 maio 2024.

5. Concluindo: (Re)criando arquivos imagéticos sobre o negro e a Cachoeira Negra

Então, que negro é esse? Antes tipificado por viajantes, depois atado a criminalidade por racialistas e, por fim, simplificados a uma homogeneidade abstrata. Todo esse cenário construído em retratos (mal)ditos, deseducam subjetividades negras a odiar seu rosto negro e admirar o que é branco. Este trabalho, portanto, busca (re)pensar esses arquivos imagéticos através das imagens fabricadas artesanalmente pelos próprios estudantes.

Com o objetivo de colocar em prática as possibilidades do subjuntivo, os estudantes analisam as obras clássicas, criam uma série de colagens e narram suas inquietações no audiovisual, que nos ajudam a repensar os retratos (mal)ditos e a “Cachoeira Negra”. No audiovisual inspirado no “BARRIL do bem”¹⁴ (Brito, 2017) e no “JOGO de Identidades” (Brito, 2018)¹⁵ (do projeto Brincadeira de Negão – BN) os estudantes trouxeram uma série de narrativas que nos fazem (re)pensar a “Cachoeira Negra”, que pode ser vista, para muitos, como um “paraíso racial”, mas mesmo nela, há “pecados raciais” que a aprisiona na antinegitude. Quando pergunto, por exemplo, se Cachoeira ama e abraça as pessoas negras e como é ser negro em Cachoeira, duas estudantes respondem

Aqui ninguém abraça nada. Eu acho que aqui, pessoas negras é as pessoas que mais tem a cultura em mãos para oferecer, então a gente tem a cultura em mãos, a gente só quer mostrar nosso trabalho, as vezes sem cobrar nada, mas não tem o apoio, até que seja só com um lugar pra ceder, pra você mostrar seu trabalho, sua cultura. (Abiamin, 2023. Jogo de Identidades e Sonhos)

Não sei te dizer, deixa eu te explicar. Porque eu já passei coisas aqui que não foi muito amável, entendeu? Eu não sei explicar no dia de hoje, porque eu sei que uma parte abraça, mas outra parte não. Porque eu sou moradora dessa cidade derna que eu nasci e é uma cidade muito preconceituosa, uma cidade com muito negro, uma cidade muito preconceituosa, sabe? Porque eu sofri o preconceito na pele em vários cantos dessa cidade então pode abraçar hoje, mas o preconceito aqui é real mesmo, numa cidade que praticamente 95% é negro (Kátia, 2023, jogo de identidades e sonhos)

¹⁴Ver BRITO, M. Barril do Bem. São Félix: [s. n.], 2017. 1 vídeo (16 min). Disponível em: <https://youtu.be/6HKuIwx81Kk?si=SepAz81zhWX-ZW0m>. Acesso em: 24 de maio 2024.

¹⁵Ver BRITO, M. Jogo de identidades. Produção coletiva. São Félix: [s. n.], 2018. 1 vídeo (13 min). Disponível em: https://youtu.be/k58bKlqYiao?si=hlkOazv5xIrPRU_v. Acesso em: 24 maio 2024.

Para acessar os documentários é só clicar em: Jogo de Identidades e Sonho (Segunda série)¹⁶ e Jogo de Identidades e Sonhos (Eixo 7)¹⁷.

Na análise de iconografias apresentei uma série de imagens clássicas e releituras, um exemplo é a Redenção de Cam (figura 11) que seria segundo as palavras João Batista de Lacerda (1846-1915), um dos representantes da tese de branqueamento racial no Brasil, “O negro passando a branco, na terceira geração, por efeito do cruzamento de raças” (Lacerda, 1911 *apud* Lotierzo; Schwarcz, 2013, p. 3). E a releitura (figura 12), feita por Mariana Sguilla.

O interessante é que, quando perguntei para eles qual imagem se aproximava mais do Brasil, eles responderam: “a primeira, um Brasil mestiço”. Reforçando, mais uma vez, a imagem do mestiço como símbolo nacional. Diferentemente da figura 13, eles negam esse estereótipo ao (re)criar essa família, por uma família cachoeirana completamente negra, em que o pai de branco se torna negro. A colagem pode ser vista na figura 13 abaixo:

Figura 11 – A redenção de Cam, Modesto Brocos,1895



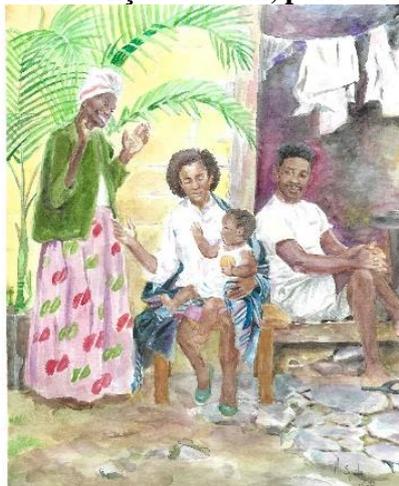
Fonte: Roncolato (2018)¹⁸.

¹⁶Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1cbZIXLHOVJFNY2VB9cS2EDtjs9WGNk72/view?usp=sharing>. Acesso em: 24 maio 2024.

¹⁷Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1-xIgbxHSWxWsbY5M8Fx9IB3yWgy5V_RX/view?usp=sharing. Acesso em: 24 maio 2024.

¹⁸Disponível em: <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>. Acesso em: 24 maio 2024.

Figura 12 – A redenção de Cam, por Mariana Sguilla



Fonte: Descolonizando [...] (2022)¹⁹.

Figura 13 – Família Cachoeirana, Edjane Santana, 2023



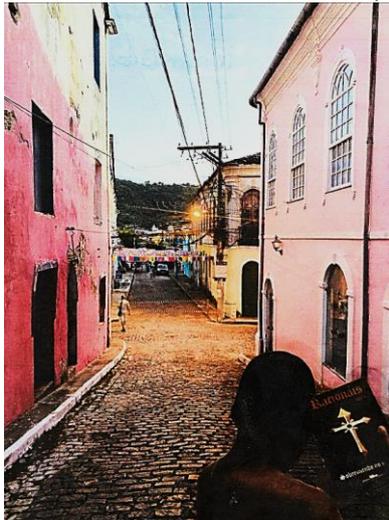
Fonte: Oficina de colagens.

Notável que, ao mesmo tempo que estavam afirmando a representação da figura do mestiço como símbolo do Brasil, confrontaram a teoria do embranquecimento através da figura da senhora e recriaram a imagem, aproximando-a da realidade de sua própria cidade, um imaginário ou uma imaginação de como são ou devem ser a famílias cachoeiranas. Uma releitura da releitura, como auto narrativa, em que, na representação da família cachoeirana, não há a busca pela brancura.

Além dessas imagens que revelam contra narrativas dos retratos (mal)ditos temos as figuras 14 e 15 que (re)criam imagens sobre Cachoeira:

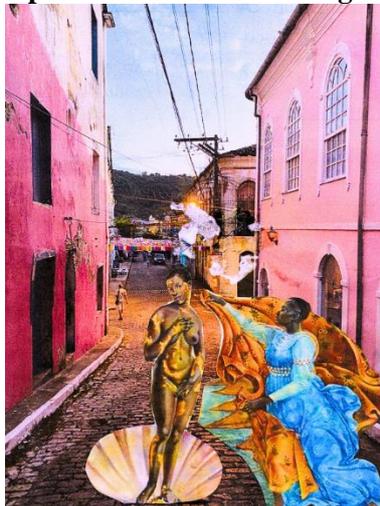
¹⁹Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/descolonizando-o-pensamento-releitura-de-arte/>. Acesso em: 24 maio 2024.

Figura 14 – Irmandade. William (2023)



Fonte: Oficina de Colagens.

Figura 15 – O poder de uma mulher negra. Lídia (2023)

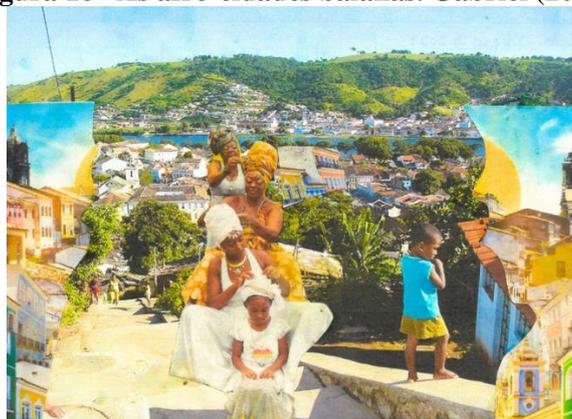


Fonte: Oficina de Colagens.

Coloco as colagens com planos de fundo idênticos em sequência para evidenciar que, embora sejam os mesmos, os artistas têm visões e percepções de mundo diferentes. Logo, suas produções terão sentidos diferentes, e serão interpretados de diversas formas. As que coloco aqui, são as minhas interpretações junto a dos estudantes ao batizarem os títulos. Nas obras dos estudantes-artistas William e Lídia, por exemplo, em “Irmandade”, William mistura duas referências negras, a irmandade da boa morte, que está representada no prédio cedo e o livro dos racionais, segurado por um jovem negro, representando, também, uma irmandade negra. Já em “O poder de uma mulher negra”, a Lídia coloca em destaque o nascimento da vênus negra, o tornar-se mulher, ou o tornar-se negra, como o poder da própria mulher negra.

Por fim, em as afro-cidades baianas, temos a mistura das três cidades, Cachoeira e São Félix no plano de fundo combinado a elementos do pelourinho em Salvador, sendo consideradas pelo estudante cidades de referência negra. A imagem manifesta olhar que o estudante tem sobre as cidades representadas como centros afro, de cultura negra. Afirmando, aquilo que segundo Amparo Alves (2021 apud Pinho 2021), Cachoeira, ou neste caso, as afro-cidades baianas representam “espaço de resistência negra”, se posicionam como “referência epistemológica”. A colagem pode ser visualizada na figura 16 abaixo:

Figura 16– As afro-cidades baianas. Gabriel (2023)



Fonte: Oficina de Colagens.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, M de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Chapecó: UFFS Editora, 2019. (Coleção Literatura Brasileira – Identidades em Movimento). Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3122/1/Macuna%C3%ADma%20-%20PDF.pdf>. Acesso em: 31 maio 2024.

BELLUZZO, A. M. A Propósito do Brasil dos Viajantes. **Revista USP**, São Paulo, n. 30, p. 8-19, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25903>. Acesso em: 31 maio 2024.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GÊ VIANA. **Superfície**, [S. l.], [entre 2021 e 2024]. Disponível em: <https://galeriasuperficie.com.br/artistas/ge-viana/>. Acesso em: 24 maio 2024.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008

PEREIRA, A. Escritas insubmissa: Indisciplinando a história com Hortense Spillers e Saidiya Hartman. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 481-508, ago. 2021. DOI <https://doi.org/10.15848/hh.v14i36.1719>. Acesso em: 24 maio 2024.

PINHO, O. **Cativeiro**: antinegitude e ancestralidade. 1. ed. Salvador: Segundo Selo, 2021a.

PINHO, O. Ontologia(s): Perspectivismo e Afropessimismo. **Novos Debates**, v. 7, n. 2, 7218. ed., 2021 b. DOI: 10.48006/2358-0097-7218

PINHO, O. A Morte Negra e A Antropologia. **AntropoLÓGICAS**, v. 6, ano 2, 2020. Disponível em: <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/v6a2-a-morte-negra-e-a-antropologia>. Acesso em: 25 maio 2024.

PINHO, O.; VARGAS, J. H. C. (org.). **Antinegitude**: o impossível sujeito negro na formação social brasileira. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

PONTES, K. R. K. **Escolas e Arcádeas**: A importância da Filosofia Africana no combate ao Racismo Epistêmico e a Lei 10639/03. Orientador: Renato Nogueira. 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2017.

RODRIGUES, R. N. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011. ISBN 978-85-7982-075-5.

RODRIGUES, R. N. **Os africanos no Brasil [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. ISBN: 978-85-7982-010-6.

RONCOLATO, M. A tela “A Redenção de Cam” e a tese do branqueamento no Brasil. **edusp**, [S. l.], 14 jun. 2018. <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>. Acesso em: 24 maio 2024.

RUGENDAS, J. M. **Viagem Pitoresca Através do Brasil**. São Paulo: Círculo do Livro, 1835. p. 89-141.

VALENTIM, A. “Alguns lutam com outras armas, 2016 - Morro do Borel, RJ”. **TNT ARTE**, [S. l.], Fotografia fine arte impressa em papel hahnemuhle photorag, 308 GSM, ed. 1 de 3, impressa em 2017, 21 set. 2021. Disponível em: <https://www.tntarte.com.br/leiloes/66/lote/76>. Acesso em: 24 maio 2024.

VIANA, G. **Amores , Amantes dê Bhaia da série atualizações de Rugendas 2022 colagem manual**. [S. l.], 14 jul. 2022. Instagram: @indiiloru. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cf_vfo6uckC/. Acesso em: 24 maio 2024.

VIANA, G. **Atualizações Traumáticas [...]**. [S. l.], 27 jul. 2021. Instagram: @indiiloru. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CR1kwwXn0Au/>. Acesso em: 24 maio 2024

WOODSON, C. G. **A (des)educação do negro**. Trad. Naia Veneranda. São Paulo: Edipro, 2021.